

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIA APARECIDA BEZERRA SOARES SCHAFFER

BRINCADEIRAS DE MENINAS E BRINCADEIRAS DE MENINOS?



SÃO PAULO
2016

MARIA APARECIDA BEZERRA SOARES SCHAFFER

BRINCADEIRAS DE MENINAS E BRINCADEIRAS DE MENINOS?

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Prof^a. Luize Bueno de Araujo

SÃO PAULO
2016

BRINCADEIRAS DE MENINAS E BRINCADEIRAS DE MENINOS?

Maria Aparecida Bezerra Soares Schaffer¹

Luize Bueno de Araujo²

Professor de Educação Infantil – C.E.I. Irmã Ildefrança; E-mail cidaschafer@yahoo.com.br

Mestre em Comportamento Motor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); E-mail luizebueno@hotmail.com

RESUMO: As crianças vivem em mundos sociais: casa, escola, comunidade, onde presenciam, vivenciam e compartilham uma grande diversidade de experiências cotidianas que por sua vez, colaboram em sua aprendizagem e desenvolvimento e que consequentemente são expressas em novas interações, linguagens e brincadeiras.

Desta maneira pude observar que nas situações lúdicas ocorridas dentro da escola de educação infantil em que trabalho, algumas crianças reproduzem durante as interações com outras crianças, personagens e comportamentos estereotipados dos gêneros masculino e feminino. Neste sentido o presente artigo buscará justificativas teóricas para fundamentar estas observações e validar as prováveis causas para este comportamento apresentado por meninos e meninas, em uma Escola de Educação Infantil situado na zona leste de São Paulo.

Palavras-chave: Brincadeiras, Educação Infantil, Meninos e Meninas.

ABSTRACT: Children live in social worlds home, school, community-where, witness, experience and share a wide variety of everyday experiences, which in turn collaborate in their learning, development, and which consequently, are expressed in new interactions, languages and jokes. In this way, we can observe that in playful situations that have occurred within the early childhood school in which I teach, some children reproduce during interactions with other children, characters and behaviors of male and female stereotypes. In this sense, this article get theoretical justifications to substantiate these remarks and validate the probable causes for this behavior presented by boys and girls in this Infantile Education School located in the East zone of São Paulo

Keywords: Play, Early Childhood Education, Boys and Girls.

INTRODUÇÃO:

Os trabalhos já realizados sobre as relações de gênero e crianças (GUARESCHI, 1994; SAAVEDRA; BARROS, 1996) confirmam que meninos e meninas demonstram comportamentos, preferências, competências, atributos de personalidade mais apropriados para o seu gênero, seguindo, desde bem pequenos, as normas e padrões pré-estabelecidos.

Como professora de Educação Infantil, atuando na faixa etária de 3 a 4 anos, a observação do ensino-aprendizagem das crianças constitui-se em estratégia basilar para planejarmos e organizarmos novas atividades e fazeres pedagógico.

Desta forma, podemos observar que durante os momentos destinados as brincadeiras livres, as meninas reproduzem papéis femininos: brinca de cuidar, de ser a mamãe, de ser a filhinha, de limpar, de organizar, enquanto que os meninos

tendem a reproduzir papéis masculinos: dirigir carrinhos, jogar bola, competições, montagem, construção etc.

A brincadeira para a criança constitui-se em um importante instrumento facilitador de aprendizagens, incluindo socialização, interação, conhecimento de si, do outro, do ambiente e a partir disso construirá e fará sua leitura de mundo. Assim, podemos compreender que ao reproduzir durante as brincadeiras estereótipos femininos e masculinos, nossas crianças acentuam e perpetuam socialmente uma clara divisão de gêneros, tão impregnados na sociedade.

Finco (2003), discute em seu trabalho as diversas formas de brincadeiras de meninas e meninos na Educação Infantil, questionando o fato “natural” de que estes possuem papéis e comportamentos pré-determinados.

As crianças desde muito pequenas já trazem em suas brincadeiras, atitudes que normatizam o que a sociedade considera como correto. Em seu estudo, Vianna, (2009), trata das relações de gênero e poder presentes nos processos de socialização de crianças pequenas e analisa as estratégias voltadas para a normalização e o controle das expressões corporais de meninos e meninas.

O Documento elaborado e distribuído pela Secretaria Municipal de Educação do Município de São Paulo, (SME/DOT) 2007, está composto por sete eixos temáticos, sendo o eixo um destinado as Experiências voltadas ao conhecimento e cuidado de si, do outro, e do ambiente, e o eixo cinco destinado as Experiências de exploração da natureza e da cultura. Estes eixos são fundamentais para a composição da pesquisa porque nos orienta quanto à observação, registro, planejamento de atividades, faixa etária, avaliações e, sobretudo quanto à importância de estabelecermos uma relação dialógica e lúdica para com as crianças.

Gobbi, (1999), em seus estudos, traz sua contribuição quando nos faz refletir sobre as relações de gênero apresentadas nos desenhos das crianças pequenas.

Nas relações de gênero em nossa sociedade as pesquisas procuram dar ênfase nas normas e padrões estabelecidos, porém Sayao, (2008), faz refletir sobre corpos condicionados e dóceis que construímos sem perceber, quando problematiza alguns pontos de tensão da relação entre corpo e infância, argumentando em favor de uma ampliação de espaços de protagonismo do primeiro, no qual se refere às múltiplas expressões da segunda.

Outra autora, Rocha (1998), nos convida a refletirmos sobre gênero, estereótipos e preconceitos na fase infantil, através dos irmãos Joana e Pedro, em seu trabalho “Faca sem Ponta, galinha sem Pé”.

Na Educação Infantil, Knuppe e Viana, (2004), em seus trabalhos procuram entender como ocorre o processo de construção da identidade de gênero no espaço da educação infantil, e quais “estratégias são utilizadas para a normalização e o controle das expressões corporais de meninas e meninos”.

O artigo, de, Sampaio e, Villar (2000), aborda valiosos esclarecimentos quanto ao tema escolhido para esta pesquisa, uma vez que afirma a atividade lúdica ser fundamental para o desenvolvimento infantil, ao permitir à criança integrar várias dimensões de sua identidade, assimilar a realidade e vivenciar papéis.

Diante disso, o objetivo desta pesquisa é buscar respostas ao tipo de comportamento apresentado tanto por meninas, quanto por meninos. Buscar os estereótipos reproduzidos durante as brincadeiras e qual a sua origem. A intervenção do professor nas situações descritas e o papel que a escola tem na formação dessas meninas e meninos, sendo facilitadora ou reprodutora dos mesmos estereótipos.

Tendo como objetivo específico promover reflexões sobre as reais oportunidades que as crianças possuem de vivenciar sua infância e a visão do adulto com as relações de gênero nas brincadeiras.

OBJETIVOS:

Diante disso, o objetivo desta pesquisa foi investigar e refletir aspectos da diferenciação de gênero em brincadeiras de crianças, bem como a influência dos/as professores/as e da escola na formação destes estereótipos.

METODOLOGIA:

Esta pesquisa é caracterizada como qualitativa, tendo como referência a estudiosa, Maria Cecília de Souza Minayo. Serão observadas seis crianças de zero a quatro anos de um Centro de Educação Infantil, da Secretaria Municipal de Educação da Zona Leste de São Paulo/SP. Também será aplicado um questionário direcionado aos familiares e professores/as das crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do ano 2.00 as instituições de Educação Infantil do Município de São Paulo, passaram a fazer parte da Secretaria Municipal de Educação (S.M.E.) e novas Diretrizes Pedagógicas foram implementadas, tanto na área formativa de professores como o entendimento sobre as novas concepções de infância.

O primeiro Documento elaborado e distribuído pelo MEC, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, V. 1, 2 e 3, e que serviu de base para fundamentar tais concepções, traz a seguinte afirmação:

“A criança é um sujeito social e histórico que está inserido em uma sociedade na qual partilha de uma determinada cultura”. “É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também contribui com ele.” (Brasil, 1998, V.2, pág.21).

E esta primeira concepção de Infância de certa forma vem balizando toda a nossa prática pedagógica desde então. Buscar o entendimento de que a criança que cotidianamente frequenta nossas escolas é um sujeito social e histórico requer também conceber de nós professores, novas posturas pedagógicas em nossa rotina.

Desta maneira o brincar surge como um importante instrumento facilitador das interações sociais dentro da escola, é através da brincadeira que a criança amplia sua linguagem, constrói e reconstrói experiências constantemente.

Para Brougère (1995):

“Brincar é uma das atividades fundamentais na Educação Infantil, sendo o principal modo de expressão da infância. A brincadeira é a forma que a criança tem de conhecer o meio em que ela vive os objetos e as pessoas. Brincando, a criança se relaciona, constrói conhecimento, produz cultura e se constitui como sujeito.”

Com as afirmações do professor Gilles, podemos entender que ao brincar a criança externa sua leitura de mundo e expressa através de suas ações brincantes suas próprias concepções.

Dentro desta mesma linha de entendimento, observo que algumas crianças nos momentos destinados as brincadeiras livres, gostam de reproduzir e criar papéis

culturalmente destinados ao gênero masculino e feminino. As meninas gostam de montar cantinhos que representam uma casa, onde o costumeiramente seu papel é o de mamãe, que cuida do filhinho e os meninos quando são convidados a participarem da brincadeira, assumem o papel de papai ou são os filhos. Durante estas brincadeiras destaco as vozes destes personagens:

“Mamãe:- Vou fazer a comida!” O bebê está chorando! Vou levar as crianças pra escolinha!

Papai: - Tem comida? (pergunta para a mamãe) Vou trabalhar, tô atrasado!”

Diante dessas observações busquei ampliar meu olhar e minha escuta durante os momentos de brincadeiras entre as crianças do Minigrupo II.

Em outros momentos de brincadeiras livres, constatei também que meninos de um modo geral adoram correr e brincar de bola, enquanto as meninas, preferem se juntar em grupos com bonecas, panelinhas e paninhos.

Os meninos geralmente trazem mochilas de cor escura, roupas azuis, vermelhas ou pretas, enquanto as meninas suas mochilas costumeiramente trazem personagens de princesas, e suas roupas são predominantemente da cor rosa e branca. Adoram os desenhos animados de contos de fadas e os meninos preferem desenhos de ação com super-heróis.

Diante de tantas observações envolvendo questões de gênero, optei por buscar teorias e pesquisadores que poderão auxiliar e ancorar minhas informações a esta situação.

Nos dicionários brasileiros o termo gênero é definido como uma forma de classificação e como modo de expressão, real ou imaginária de seres, com ênfase nos estereótipos atribuídos a cada sexo.

Para Daniela Sayão (2003):

“Uma visão mais apurada daquilo que as crianças fazem quando brincam ou expressam nas instituições educativas pode emergir aos adultos que meninas e meninos fazem parte e contribuem para a construção dos processos sociais...” (pág. 83-84).

Em consonância com as afirmações de Sayão podemos compreender então que ao criar e reproduzir papéis masculinos e femininos durante as brincadeiras, meninos e meninas contribuem e consolidam os tão renegados e questionados estereótipos dos papéis sexuais?

E dentro desta perspectiva, considerando que estas ações acontecem dentro de um ambiente escolar, nós enquanto professores/as estaríamos facilitando esse processo?

Em qual medida a escola enquanto instituição educacional é responsável por esta situação?

Claudia Vianna e Daniela Finco (2010) ao realizar uma pesquisa em uma instituição de educação infantil, revelam:

“Meninas e meninos desenvolvem seus comportamentos e potencialidades a fim de corresponder às expectativas de um modo singular e unívoco de masculinidade e feminilidade em nossa sociedade.”

Desta maneira, o professor (a) ao organizar tempos, espaços e materiais, como cantinho da cozinha, cantinho do salão de beleza, ou mesmo disponibilizando bonecas e panelinhas nos momentos de brincadeiras livres, estaria ele (a) mesmo reforçando e esperando que aquele espaço fosse para as meninas, e que bolas, competições, cabo de guerra, seriam para os meninos?

O questionário oferecido aos professores contendo algumas indagações como: “Como você seleciona brinquedos para as meninas e para os meninos?”

Algumas respostas corroboram as afirmações das pesquisadoras:

R.: - “Eu organizo e seleciono de forma a despertar o interesse da criança. Meninas gostam de bonecas e meninos de carrinhos e bolas”.

M.: - “Sempre deixo disponíveis os brinquedos que elas mais gostam de brincar, como bonecas e carrinhos.”

A.- “Seleciono brinquedos considerando a faixa etária.”

Avaliando as respostas dadas pelos professores (as), conclui-se que estas ao selecionar brinquedos para suas crianças, já trazem consigo, uma concepção sobre o que deve ser para meninas e o que deve ser para meninos.

Berenice Bento escreveu um interessante artigo intitulado; “Na escola se aprende que a diferença faz a diferença” (2008) onde faz o seguinte destaque:

“Uma criança que recebe brinquedos como bonequinha para cuidar, dar de mamar, fogõezinhos e panelinhas onde predomina a cor rosa, está sendo preparada para o gênero feminino (passiva, cuidadosa, bondosa) terá na maternidade o melhor e único lugar para exercer esses atributos”. (Bento, 2008)

A autora afirma ainda que “os brinquedos continuam o trabalho do (a) médico (a) ao proferir as palavras mágicas: É um menino! É uma menina!”

Dentro deste entendimento, a escola enquanto instituição responsável por formar cidadãos conscientes de sua existência, capaz de ser um transformador e criador de sua própria história, socializando-se, interagindo e produzindo cultura, precisa ter-lhe sido proporcionado desde os seus primeiros meses de vida situações diversificadas de aprendizagem, seja com objetos, seja com pessoas, para então a partir destas interações constituírem e internalizar sua próprias concepções e ideias sobre tudo que o cerca.

E para que haja construções igualitárias sobre os papéis sexuais, a escola de educação infantil, seus professores (as) necessitam afinar seu olhar e sua escuta, intervindo e mediando as relações sexistas que ocorrem durante as brincadeiras de meninas e de meninos.

Vejamos o que nos assinala o Documento Orientações Curriculares (DOT/SME):

“A mediação do professor se faz à medida que suas ações buscam familiarizar a criança com significações historicamente elaboradas para orientar o agir das pessoas e compreender as situações e os elementos do mundo”. (SME/DOT.2007) p.23

Com estas orientações, refletimos no sentido de pensarmos ações estruturadas e planejadas quanto ao gênero nas brincadeiras de meninas e brincadeiras de meninos, para que a partir disso, estas crianças construam seu próprio significado quanto à relevância da heteronormatividade entre os sujeitos.

Observando atentamente situações e atividades escolares podemos obter valiosas observações e informações de onde, como e quando se produzem as diferenças, as possíveis discriminações relacionadas ao gênero no contexto escolar da educação infantil.

Segundo Louro:

“Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicados na concepção, na organização e no fazer cotidiano”. (Louro. 1999 pág.59)

É inconcebível que a própria escola enquanto instituição apresenta-se como um espaço que busca produzir corpos dóceis e adestrados, sobretudo no contexto infantil, onde a mídia e as novas tecnologias colaboram para essa realidade.

No entanto, esta mesma instituição também agrega sujeitos distintos, que trazem consigo marca de sua cultura e história, que possuem concepções diferentes e, por isso mesmo, enquanto inserido no ambiente escolar deve lhe ser proposto novos conhecimentos e aprendizagens, que sem dúvida se juntarão às que outrora carregam e comporão desta forma bases para que se consiga exercitar e transformar seu cotidiano.

Vejamos o que nos afirma Louro:

“Através de um aprendizado eficaz, continuado e sutil, a instituição imprime um ritmo, uma disposição física, uma postura nos sujeitos meninos e meninas, jovens, mulheres e homens aprendem e incorporam gestos, movimentos, habilidades, sentidos, simultaneamente, eles e elas respondem, reagem, acatam e rejeitam.” (Louro. 199. pág.87).

Para esta pesquisadora o aprendizado que a escola proporciona torna-se determinante na construção da identidade de seus alunos. Desta forma, oferecendo brinquedos distintos a meninas e meninos, esta mesma escola está consolidando um sexismo latente e histórico impregnado na sociedade. Um sexismo que delimita e difere papéis femininos e masculinos, condicionando homens a produzir e mulheres a reproduzirem determinadas ações.

De forma alguma entendo que devemos colocar homens e mulheres em oposição, mas sim em perfeita confluência e harmonia, e que juntos, podemos propor esse início durante as “inocentes” brincadeiras e aos poucos desconstruir esse antagonismo entre os gêneros alicerçar nossa sociedade com seres humanos dotados de consciência igualitária, senso político e social, não somente quanto ao gênero, mas também quanto à classe, etnia.

Montserrat Moreno é uma pesquisadora espanhola que lançou uma interessante obra “Como se ensina a ser menina: O sexismo na escola”, onde sua mensagem é que todos os fundamentos que discriminam as mulheres devem ser recusados pela escola:

“A escola tem marcada uma dupla função: a formação intelectual e a formação social dos indivíduos. Em lugar de ensinar o que os outros pensaram, pode ensinar o pensar, em lugar de ensinar a obedecer, pode ensinar a questionar, a buscar os porquês de cada coisa...” (Moreno, 1999. pág.17) .

Entender que a escola é composta ainda de professores que necessitam informar-se formar-se minimamente sobre a importância da observação, do registro e da avaliação contínua das ações proferidas pelas crianças no interior da sala de aula, compreender que a ele caberá mediar situações, não só de conflito, mas ainda situações, falas e atitudes que podem ser nitidamente reveladoras quanto às questões de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas.

Com uma escuta mais atenta presenciei um diálogo entre L.(quatro anos) e G.(3.8 anos):

G.-“Posso brincar com vocês?”

L. –“Pode sim! Você é o papai!”

G. –“Tá bom! Então eu vou dormir e ir trabalhar depois!”

L. –“ Eu vou dar de mamar pro bebê e depois vou levar o filhinho pra creche!”

Nesse pequeno diálogo, que presenciei, observa-se que L. em sua fala, representa o que é ser mulher, mãe, enquanto que G. representa o que é ser o pai, o homem. Outro ponto que observei é que G. poderia ser o papai, pois além de ser um líder entre os meninos é alguém muito extrovertido, que naturalmente, segundo o entendimento de L. encaixa-se na figura do papai.

Desta maneira, estas falas influenciadas fortemente pelo ambiente e pelos brinquedos disponíveis revelam o quanto meninos e meninas trazem consigo concepções e ideias consolidadas a respeito do que é ser homem e do que é ser mulher.

Jane Felipe traz sua contribuição:

“Observa-se que as opiniões e falas das crianças na maioria das vezes, são influenciadas pelos discursos que elas escutam dos familiares e das pessoas com as quais convivem e conversam desde pequenas, elas já se acostumaram a classificar determinados hábitos, comportamentos, gestos, falas e atitudes como sendo adequados e próprios para homens e mulheres”.(Felipe,2004,pág.37)

E diante destas afirmações realizei um questionário com 06 pais, dentre estes os pais de L. e G. a fim de obter destes pais maiores informações sobre como é a relação família X brinquedo X gênero. A mãe de L. respondeu que ao escolher brinquedos para sua filha prefere a cor rosa e que os brinquedos escolhidos pela filha são sempre de princesas e acessórios para meninas.

Já a mãe de G. respondeu que gosta de vesti-lo com roupas de menino e os brinquedos são sempre de super-heróis.

Ambas citaram que tinham lembranças das brincadeiras da infância com meninas e meninos.

Outras citaram que sim, selecionam cores, roupas e brinquedos distintos para meninos e meninas, uma delas revelou que na sua infância gostava de brincar na rua com os meninos e meninas da vizinhança, mas que hoje sua filha não pode, e que a menina gosta de vir para escola porque tem amiguinhos para brincar.

Desta forma podemos concluir que tanto a escola como a família influencia decisivamente no ensino e aprendizagem de meninos e meninas, e que, portanto impregnará concepções e ideologias em seus corpos e mentes de tal forma que norteará suas ações sociais e intelectuais.

No entanto, resgatando as novas concepções de infância, onde acreditamos que a criança como um indivíduo em constante devir, construtor de sua própria história e cultura, partirá em busca de novos modos de pensar e agir dentro das múltiplas linguagens que compõem a aprendizagem de meninos e meninas na Educação Infantil.

É indispensável reconhecermos o quanto a escola representada por seus professores é um importante instrumento transformador de sujeitos e de sua historicidade.

[inserir duas linhas sem texto, tamanho 12]

CONSIDERAÇÕES FINAIS [título da seção justificado, todas as letras Arial, maiúsculas, negrito]

Enfatiza as principais questões do TCC. Não repetir elementos já apresentados na seção de relato da experiência. É possível sumarizar as implicações e fornecer recomendações, por exemplo. Também é pertinente articular os objetivos apresentados com o relato da experiência.

[inserir duas linhas sem texto, tamanho 12]

AGRADECIMENTOS [título da seção justificado, todas as letras Arial, maiúsculas, negrito]

Esta seção é **opcional** e deve apresentar os agradecimentos a instituições e pessoas que contribuíram para a realização do trabalho. Não deve exceder 50 (cinquenta) palavras.

[inserir duas linhas sem texto, tamanho 12]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Berenice. Na Escola se Aprende Que a Diferença faz a Diferença- Tese de Pós-Doutorado- UNB, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Secretaria de Educação Fundamental Brasília: MEC/SEF, Volumes 2 e 3, 1998.

BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e Cultura. Ed. Cortez. São Paulo, 1994. 112p.

FELIPE, Jane. Entre batons, esmaltes e fantasias. In. **MEYER**, Dagmar, **SOARES**, R. (org). Corpo, Gênero e sexualidade. Porto Alegre: Mediação, 2004, pag 37

LOURO, Guacira L. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva Pós-Estruturalista. Petropolis, RJ: Ed. Vozes.

MORENO, M. Como se ensina a ser menina: O sexismo na Escola. Campinas. Ed. Moderna, 1999

OLIVEIRA, Zilma R. Docência em Formação na Educação Infantil: Fundamentos e Métodos São Paulo. Ed. Cortez, 2002.

SAYÃO, Deborah T. Relações de Gênero e Trabalho Docente na educação infantil: um estudo de professores de creche. (Tese Doutorado) – CCE/UFSC, Florianópolis/SC, 2005.

SME/DOT. Orientações Curriculares-Expectativas de Aprendizagens e Orientações Didáticas/Educação Infantil. Secretaria Municipal de Educação – São Paulo, 2007, pág.22.

VIANNA, C., FINCO, D. Meninas e Meninos na Educação Infantil: uma Questão de Gênero e Poder. Cadernos Pagu (33) Julho – Dezembro de 2009, p. 265 a 283.